

ESPECULAÇÃO CONTRA O EURO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 15.2.2010

Esse ataque especulativo é mais uma comprovação da necessidade de regulação cerrada de bancos e fundos

Os mercados financeiros são incorrigíveis. Agora a especulação se dirige contra o Euro, ou, mais especificamente, se dirige contra a Grécia, para depois atacar Portugal e, em seguida, a Espanha – os países mais frágeis da zona Euro. O preço dos *credit default swaps* visando proteger os credores contra uma possível quebra da Grécia aumentou do índice 120 em outubro para 419 no dia 9 de fevereiro. Quem compra os CDs a um preço tão elevado aposta na quebra do país que transformará esse alto preço em grande lucro – uma aposta com forte componente auto-realizador. Quanto mais se aposta, mais dificuldade tem o país de se refinarciar, e maior é a possibilidade de quebra.

Não creio, porém, que os especuladores ganharão desta vez. É verdade que o Euro tem um ponto fraco: falta à União Européia uma autoridade federal para, de um lado, poder cobrar maior responsabilidade fiscal e maior transparência dos governos, e, de outro, mais recursos para vir em seu socorro se, não obstante, se veem em dificuldade. Entretanto, embora a comissão Européia não conte com esses recursos, os governos europeus e seus ministros de finanças contam.

O governo conservador grego derrotado nas últimas eleições foi irresponsável no plano fiscal e no plano cambial; endividou o Estado e o país. O déficit público foi a 12,7%, o déficit em conta corrente, a 14% do PIB. E mentiu em relação aos números. O novo primeiro ministro, George Papandreou, porém, é economista keynesiano competente e prudente que já está

tomando uma série de medidas de ordem fiscal. E a União Européia vai certamente dar o apoio necessário à Grécia.

A alternativa seria a Grécia pedir apoio do FMI, mas não creio que os europeus concordarão com ela. A Grécia é um país que está já bem inserido na zona Euro – e o apoio do FMI a ela seria um apoio à zona Euro, algo que os grandes países da região não admitirão. Esta alternativa foi adotada para os países do Leste Europeu, mas esses são países recém chegados à União Européia. O grande aumento de capital que o Fundo foi justificado pela necessidade de salvar esses países cujos déficits – o público e principalmente o em conta corrente – haviam subido de forma irresponsável; na verdade, foi aprovado para salvar os grandes bancos ocidentais que de forma igualmente irresponsável emprestaram para empresas daqueles países com o apoio do FMI porque estariam “crescendo com poupança externa”.

A União Européia foi duramente atingida pela crise financeira global, seja porque alguns dos seus grandes bancos acompanharam a onda de especulação baseada em “inovações financeiras”, em parte porque as exportações de seus países sofreram com a crise. O endividamento das famílias, porém, não foi tão grande como nos EUA, e apenas na Espanha houve uma bolha imobiliária. A zona como um todo não apresentava nem os déficits públicos e em conta corrente apresentados pelos EUA. Na crise, depois de uma breve depreciação em relação ao dólar, o Euro voltou a se apreciar, indicando o maior equilíbrio da economia européia.

Por tudo isso, estou seguro que os especuladores acabarão perdendo esta parada. Mas esse ataque especulativo é mais uma comprovação da necessidade de regulação cerrada dos bancos e dos *hedge funds*. Criar dinheiro é uma capacidade inerente ao sistema financeiro porque ele cria crédito e financia o desenvolvimento econômico, mas dinheiro é um bem público poderoso e perigoso que as sociedades democráticas precisam manter sob controle.